



APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ TEMÁTICO "INTELECTUAIS NEGROS E NEGRAS, SÉCULOS XIX-XXI: DESAFIOS, PROJETOS E MEMÓRIAS"

PRESENTATION OF THE THEMATIC DOSSIER "BLACK INTELLECTUALS, XIX-XXI CENTURY: CHALLENGES, PROJECTS AND MEMORIES"

PRÉSENTATION DU DOSSIER THÉMATIQUE "INTELLECTUELS NOIRS, XIX-XXI SIÈCLE: DÉFIS, PROJETS ET MÉMOIRES"

PRESENTACIÓN DEL DOSSIÉ TEMÁTICO "INTELECTUALES NEGROS Y NEGRAS, SÉCULOS XIX-XXI: DESAFÍOS, PROYECTOS Y MEMORIAS"

INTELECTUAIS: CONCEITOS E CONTROVÉRSIAS

Petrônio Domingues¹

Quando procuramos delinear o conceito de intelectual, ainda que de forma ensaística, percebemos que as dificuldades são imensas. Os intelectuais seriam uma categoria socioprofissional caracterizada, quer pela vocação científica, no dizer de Max Weber, ou pela especialização que lhes confere “capital cultural” e “poder simbólico”, nos termos de Pierre Bourdieu. Na concepção mais ampla que aqui postulamos, são pessoas responsáveis pela “produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social” (Gomes e Hansen, 2016, p. 10). Desse modo, tais sujeitos podem e devem ser tratados como “atores estratégicos nas áreas da cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social” (Gomes e Hansen, 2016, p. 12).

Edward Said examina a natureza do intelectual nas sociedades modernas a partir de duas perspectivas distintas: de Antonio Gramsci e Julien Benda. Na primeira, de Gramsci, que dividia os intelectuais em tradicionais – formados por professores, clérigos e administradores, que têm por finalidade manter indefinidamente o estado atual das coisas; e orgânicos – com vínculo direto a classes ou empresas e cujo objetivo é organizar interesses, controlar e conquistar o poder político; já na segunda perspectiva,

¹ Professor associado do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), permanente tanto do Mestrado Acadêmico em História (PROHIS) quanto do Mestrado Profissional em História (ProfHistória), da mesma universidade. *E-mail*: pjdomingues@yahoo.com.br

de Benda, para quem os intelectuais seriam “um grupo minúsculo de reis-filósofos superdotados e com grande sentido moral, que constituíam a consciência da humanidade”. Para Said, apesar de o intelectual gramsciano ter predominado nas sociedades modernas, para além de suas funções imediatas, o intelectual é aquele que fala a “verdade ao poder”. Isto é, ao contrário das proposições que reforçam o senso comum e as verdades estabelecidas, o intelectual deve ser interpretado como alguém que “visivelmente representa um ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras” (Said, 2003, p. 27). De acordo com Said, o intelectual articula em torno de si um conjunto representações e *representa a si mesmo* em face de um público, de modo que, para compreendê-lo, são importantes levar em conta suas características pessoais nas polêmicas de seu tempo histórico. A seu ver, o intelectual está mergulhado nas questões de seu contexto, enreda-se em debates que lhe dão, ao mesmo tempo, tensão e textura. Assim, a “falibilidade” do intelectual está relacionada ao seu objetivo que é o de desmistificar as verdades eternas e transcendentais e de promover a “liberdade humana e o conhecimento” (Said, 2003, p. 27).

A figura do intelectual, como sujeito pensante e agente, vem ganhando centralidade e concretude. Suas ideias não adquirem “vida própria”, tonando-se a-históricas. Os intelectuais são fruto de um processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e forjando perspectivas, narrativas e projetos no emaranhado entre o cultural e o político. Nessa acepção, o conceito de intelectual é, como todos os conceitos políticos e sociais, fluido e polissêmico.

A reconstituição da trajetória de experiências, trocas e conexões culturais ajuda a compreender a forma como os intelectuais atribuem sentido, densidade e textura às suas ideias, sempre ligadas às agendas, polêmicas e tomadas de posição intelectual e política nos acontecimentos de seu tempo histórico. Com isso, é possível reconstituir parte de seus postulados, projetos e ideais. Por outro lado, sua trajetória reflete os condicionamentos da estrutural social, que, por sua vez, é influenciada pelas instituições culturais consagradas às carreiras intelectuais.



REFLEXÕES E PROJETOS: PARA UM PENSAMENTO NEGRO NOS SÉCULOS XIX-XXI

Flávio Gomes²

Existe ou existiu um *pensamento negro* no Brasil? Semelhante indagação foi feita para literatura, poesia e arte em seus respectivos campos de estudos e teóricos. Literatura negra? Poesia negra? Arte negra? Não vou seguir o caminho das falsas polêmicas quanto a *racializar* trajetórias, discursos, ações ou pensamentos. Num país – ao mesmo tempo moderno, cosmólita e atlântico – da escravidão e da pós-emancipação das últimas décadas do século XIX e o alvorecer do século XX se constituiu formas de pensar e refletir a partir das perspectivas de inserção, exclusão e preterimento de intelectuais negras e negros. É comum se falar num pensamento social moderno, desde a geração de 1870 com personagens, influências, circulação, mimetismo e repercussões com ideais positivistas e/ou românticos. Mas como inserir inúmeros e inúmeras intelectuais negros/negras em espaços cercados de exclusão, ideais de modernidade e circulação de idéias? Também no século XX, como considerar expressões artísticas, literárias, sociológicas e filosóficas de negros/negras, muitos dos quais filhos e netos de escravos, libertos, africanos e crioulos das primeiras gerações da Abolição?

Embora seja impossível – posto que complexo – localizar essências, vale a pena exercícios analíticos – sincrônicos e diacrônicos -- de acompanhar trajetórias que revelem projetos e memórias de intelectuais negros e negras. Memórias de projetos que atravessaram séculos e até hoje se defrontam com desafios, reais ou inventados. O esforço de reunir neste Dossiê ensaios de pesquisas sobre intelectuais negros e negras não teve outra motivação daquele de avançar nesta reflexão. Não pensem que tão somente se pensou em inventariar novos heroínas e heróis, que permaneceram sob o alvo em movimento da sistemática invisibilidade étnica e social dos seus respectivos *tempos-histórias*. Do século XIX, por trás de cada André Rebouças, Luis Gama, Francisco de Paula Brito, Maria Firmina Reis, Estevão Silva, Cruz e Souza, Candido Meirelles, José do Patrocínio, Lima Barreto e outros se esconderam (uma vez encobertos) outra quantidade de jornalistas, artistas, advogados, professores e letrados

² Professor dos programas de pós-graduação em História Comparada (UFRJ) e História (UFBA). Atua no Laboratório de Estudos de História Atlântica das sociedades coloniais e pós-coloniais (LEHA) do Instituto de História da UFRJ. *E-mail*: escravonovo@gmail.com



ou não; homens e mulheres que inventaram mundos de idéias para organizar seus próprios pensamentos. Homens e mulheres como Pretextato Passos da Silva, Tito Lívio de Castro, Laudelina Carneiro, entre outros.

Pode ser perigoso pensar em *continuidade* para pensamentos e reflexões negros/negras que atravessaram o século XIX e depois o XX, refundaram a modernidade e mesmo ofereceram sub-textos de projetos de *nação* nunca rascunhados por formas hegemônicas da sociologia e da história das idéias no Brasil. De qualquer modo, houve muitos sons estrondosos de silêncios de formas de pensar e fazer artes de inúmeros intelectuais negros e negras, para além das repercussões literárias de Carolina de Jesus ou a sociologia de Guerreiro Ramos. Muitos duplamente esquecidos ou mesmo renegados. Tanto pelo fator exclusão posto nunca terem sido enxergados. Ou pela negação de muitos deles em refletir, pensar, fazer literatura ou arte para além do prisma da raça e/ou dos paradigmas das relações raciais e seus estudiosos.

Seria assim possível refletir sobre não um, mas vários pensamentos negros/negras para além da reação, denúncia e vitimização. Menos escravos de suas próprias biografias poderemos reconhecer negros/negras a partir de suas propostas estéticas, tecnológicas, artísticas, científicas e musicais. Assim a escravidão e a pós-abolição como campos de força: sociais, políticas e ideológicas – muitas vezes heterodoxas – podem ser revisitadas a luz de uma história das idéias, daquela história intelectual ou história do pensamento social moderno. Quais contribuições, inflexões e reflexos? Desafio deste Dossiê – para além das abordagens e pesquisas que aqui aparecem – é pensar as inconclusas e interrompidas formas de pensamento e inserção de intelectuais negros/negras. Do passado e do presente.

Fato é que a produção desses intelectuais têm contribuído para a construção de narrativas alternativas à formação da sociedade brasileira, expandindo possibilidades cognitivas e epistemológicas para o estudo do negro e do racismo pelas ciências humanas.

REFERÊNCIAS

GOMES, Angela Maria de Castro e HANSEN, Patrícia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.